

JOGO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS COM DIFICULDADES

Juliana Rodrigues dos Santos¹

Jean Michel da Silva²

Silvia Iuan Lozza³

Rodrigo Ribeiro da Silva⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as investigações sobre as concepções, as terminologias e as principais causas das dificuldades de aprendizagem do público jovem e adulto em relação à alfabetização e letramento na Língua Portuguesa. Como metodologia utilizou-se a pesquisa exploratória com o caráter qualitativo em forma de pesquisa ação, e coletou-se informações por meio de entrevistas e questionários com docentes da Educação Especial e Inclusiva de uma Escola de Educação de Jovens de Adultos, na Cidade de Curitiba. Dentre os aportes teóricos utilizados destacam-se Cunha (2010), Freire (1987), Fonseca (2010), Ribeiro (2001) e Soares (2017). Percebeu-se, após análise, a necessidade de uma formação contínua na temática, assim como a adaptação de materiais didático-pedagógicos para uma aprendizagem efetivamente significativa dos discentes. Como continuidade a esta pesquisa pretende-se, em um próximo passo, desenvolver a partir do referencial teórico levantado, um protótipo de jogo visando contribuir com a melhor aprendizagem dos discentes da modalidade Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Alfabetização. Dificuldade de Aprendizagem. EJA. Inclusão. Letramento.

¹ Aluna do 3º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail:* juliana.santos@mail.fae.edu

² Aluno do 3º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Voluntário do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail:* jean.michel@bomjesus.br

³ Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda em Educação (USF). Professora na FAE Centro Universitário. *E-mail:* silvial@fae.edu

⁴ Mestre em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professor na FAE Centro Universitário. *E-mail:* rodrigo.ribeiro@fae.edu

INTRODUÇÃO

Sabe-se que os profissionais da educação precisam lidar, diariamente, com as mais diversas dificuldades de aprendizagem. Muitos professores acabam por receber em suas salas de aulas, alunos com os mais diversos históricos: alguns possuem uma condição socioeconômica desfavorável, outros não recebem o incentivo correto para o estudo em casa, há ainda os que não encontram motivação pessoal na busca e construção de conhecimentos e há aqueles que apresentam questões de cunho biológico como distúrbios ou síndromes que influenciam diretamente nesse processo (dislexia; discalculia; disortografia; TDAH; entre outros). Essa situação intensifica-se ainda mais quando se faz um recorte em relação à educação de jovens e adultos, na modalidade EJA. Essa modalidade de ensino, visa tentar corrigir algumas questões sociais relacionadas à desigualdade, exclusão e exploração, que causam segregação e marginalização de pessoas que, por variados motivos, não conseguiram concluir a educação básica no ensino regular. Olhando por essa perspectiva, entende-se que o processo de aprendizagem voltado aos discentes do EJA deve ter como prioridade a contextualização dessa realidade. Estratégias e materiais didáticos, precisam ser condizentes com os interesses e as necessidades dos mesmos, possibilitando tornar a aula mais dinâmica, interessante, significativa, menos cansativa, levando os estudantes a pensarem sobre a construção de suas identidades e subjetividades.

Com essa característica tão particular, acredita-se no potencial do jogo como uma real possibilidade de aprendizagem, principalmente no que concerne aos processos de alfabetização e letramento do público jovem e adulto. De acordo com Moreira (2015, p. 192), os jogos ou games são fenômenos culturais e de comunicação que se estruturam como linguagem, como prática social e, como tal, constituem práticas significantes de produção de linguagem e de sentido. Por meio das imagens vivas do jogo, do texto verbal e não verbal, o sujeito depreende a mensagem veiculada pelo jogo para transformá-la em conhecimento.

Sendo assim, tem-se como problematização deste artigo, identificar quais são os pontos norteadores para construção de um jogo que auxilie nos processos de alfabetização e letramento, na disciplina de língua portuguesa, para jovens e adultos discentes na modalidade EJA e que apresentem um quadro de dificuldades de aprendizagem. Bem como o objetivo geral de levantar dados para desenvolver um jogo pedagógico a fim de atender as demandas em relação às dificuldades de aprendizagem no âmbito da alfabetização e letramento de alunos da Educação Básica de ensino na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os objetivos específicos de investigar as concepções, terminologia e as principais causas das dificuldades de aprendizagem

do público jovem e adulto; identificar os processos sistemáticos e organizados de formação geral de pessoas jovens e adultas no Brasil, conferindo especial atenção à educação escolar, considerando-os como sujeitos de conhecimento e aprendizagem; compreender metodologicamente os processos de alfabetização e letramento no âmbito da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos.

Para busca e compreensão do problema estabelecido, esta pesquisa teve como caráter ser qualitativa (pesquisa ação), utilizando como instrumentos os questionários e entrevistas que foram analisadas por meio da Análise de Discurso (ADD), para posterior elaboração de um jogo educativo.

Com isso, percebeu-se uma necessidade contínua de estudos e aperfeiçoamentos na área da Educação Inclusiva e das metodologias ativas, de modo que os profissionais da educação, que lidam diariamente com esse público, estejam preparados e aptos a proporcionar uma aprendizagem significativa, interessante, efetiva e, principalmente, atrativa para esses alunos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES, MÉTODOS E PRÁTICAS VOLTADAS PARA A APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

O ato de ler e escrever tornou-se, ao longo dos anos, um requisito de extrema importância para que o ser humano se sinta inserido na sociedade. Ser alfabetizado e conseguir utilizar essas informações no seu dia-a-dia permite a estes expressar e aplicar a sua cidadania.

A escrita e a leitura devem ser habilidades desenvolvidas não somente com aspectos ligados ao cognitivo e pedagógico, mas também em relação à formação humana, social e cultural de cada um, considerando que o processo de alfabetização se dá de forma permanente e continuada por meio da aquisição da linguagem oral e escrita, bem como o desenvolvimento desta ao longo da vida de cada indivíduo.

Conhecer as palavras, saber seus significados, conseguir se expressar de forma adequada por meio delas, seja pela escrita ou oralidade, são processos fundamentais para a formação do ser humano desde a infância até a idade adulta.

Entender que o ler e o escrever são processos constituídos por códigos ou signos e que o agrupamento destes implicam em estruturas de palavras/frases/textos é uma

das tarefas mais importantes dentro da alfabetização, partindo-se do princípio de que ser alfabetizado significa adquirir a habilidade de codificar e decodificar a língua escrita e oral em diferentes contextos.

[...] a alfabetização seria um processo de compreensão/ expressão de significados, um processo de representação que envolve substituições gradativas (“ler” um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra) em que o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo desde o que está mais próximo à criança ao que lhe está mais distante, visando à comunicação, à aquisição de conhecimento [...] à troca (SOARES, 2017, p. 17).

Para que o processo de alfabetização ocorra de forma efetiva não basta apenas decifrar os códigos pertinentes à linguagem oral e escrita. É primordial que se entenda a sua estrutura e que também saiba utilizá-la de forma adequada, uma vez que a escrita nem sempre representa a fala de forma fiel e vice-versa.

De acordo com a autora Soares (2017, p. 18), o processo de alfabetizar deve ir muito além de uma simples tradução da fala para a escrita. Pois nele estão inseridos vários outros conceitos complexos que envolvem a aquisição da linguagem, sendo eles morfológicos, sintáticos e ou semânticos.

Partindo de uma perspectiva sociolinguística é necessário compreender que a alfabetização e os usos sociais da língua precisam estar sempre acompanhados, uma vez que um não se faz efetivo sem a presença do outro. E é a partir desse pressuposto que entende-se a importância e necessidade de que o processo de alfabetização ocorra concomitantemente ao processo de letramento.

A alfabetização “tradicional” voltada para a utilização dos métodos sintéticos e analíticos tornava os dois processos (alfabetização x letramento) independentes um do outro. Primeiro aprendia-se o sistema convencional da escrita, decodificando os símbolos utilizando a leitura como instrumento para tal e, em seguida, a codificá-los por meio da escrita. Enquanto que, no contexto atual, tanto a alfabetização quanto o letramento ocorrem em paralelo, apoiando simultaneamente seus conceitos e práticas de modo que favoreça ao indivíduo a possibilidade de adquirir conhecimentos mais amplos e significativos, além de conquistar e exercer sua cidadania através do acesso à leitura e escrita, segundo Soares (2017, p. 45).

Dessa forma percebe-se o quão é importante tornar esse processo de aprendizagem algo significativo, prático e aplicável ao cotidiano de quem está sendo alfabetizado.

Entende-se assim, que o processo de aprendizagem durante a alfabetização precisa avançar muito em relação a utilização de um método ou conjunto de meios e ferramentas para se ensinar algum conteúdo específico. A alfabetização precisa ir além

da mecanização da leitura e escrita, ela precisa ser um ato de reflexão, de abordagem significativa e prática daquilo que se aprende ou se quer aprender.

De acordo com Paulo Freire, a educação e, principalmente, o processo de alfabetização deve ser carregado de significados sociais e culturais que façam parte da realidade e vivência do aluno, permitindo que este aprenda por meio do contexto ao qual está inserido nesse mundo, fazendo assim, com que sua aprendizagem seja carregada de significados, afetividade e consciência crítica.

Só assim alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre o seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências, Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim a alfabetização tem sentido (FREIRE, 1987, apud SOARES, 2017, p.180).

Dessa forma, seguindo os preceitos dessa concepção de alfabetização sugerida por Paulo Freire, todo esse processo deve se dar de modo a ter significado e relevância para o aluno, tornando-o integrante principal de sua aprendizagem e permitindo que sua realidade seja contextualizada no mesmo.

A abordagem por meio de metodologias ativas é uma ferramenta que auxilia positivamente nesse processo, bem como a utilização do lúdico como estratégia, oportunizando ao educador instigar e despertar no educando o prazer por realizar determinadas atividades.

Tratando-se do universo educacional tanto infantil quanto de jovens e adultos, trabalhar com o lúdico permite que o aluno se desenvolva cognitivamente e socialmente, uma vez que ele adquire, além dos conteúdos educacionais, valores pertinentes à formação humana, bem como o desenvolvimento de suas habilidades emocionais e afetivas.

Diante de tais argumentos e pela tentativa em sanar as dificuldades apresentadas ao longo do processo de alfabetização e letramento no contexto da aprendizagem de jovens e adultos é que se fez necessária a aplicação desse projeto em formato de jogo interativo.

1.2 DIFICULDADES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Compreender alguns conceitos teóricos por trás do processo⁵ de dificuldade de aprendizagem, se faz fundamental para este projeto, tendo em vista que foi por meio da análise das mesmas, no contexto de Educação de Jovens e Adultos, que foi possível elaborar o jogo apresentado neste artigo.

Segundo Drouet (1997), a aprendizagem é um processo contínuo, individual, cumulativo e integrativo. Para a autora, a aprendizagem é um processo gradual, ou seja, aprende-se pouco a pouco durante toda a vida. No entanto, cada indivíduo tem seu ritmo próprio de aprendizagem, o que muitas vezes leva professores e educadores a estigmatizarem seus alunos como “lentos”, até mesmo preguiçosos, durante o processo de aprendizagem, pois desconsideram sua individualidade e os aspectos inerentes à constituição de cada ser humano, além de fatores orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais, que influenciam em como se aprende (PAIN, 1985).

Antes de apresentar as condições necessárias para a aprendizagem, e os fatores que causam problemas durante o processo, ressalta-se que o ser humano aprende por si mesmo, não pelos outros. As novas experiências de aprendizagem servem sempre como um pré-requisito para as que seguem - por isso o caráter cumulativo, ou seja, cada aprendizagem vai se somando ao conhecimento prévio do indivíduo, e assim ele vai construindo sua bagagem cultural.

De acordo com Drouet (1997, p. 9-12) existem sete condições necessárias à aprendizagem, que são apresentadas na tabela que segue.

TABELA 1 - Condições necessárias para a aprendizagem

continua

Condição	Descrição
Saúde física e mental	O indivíduo deve apresentar bom estado físico geral, isto é, estar gozando de boa saúde, com seu sistema nervoso e todos os órgãos dos sentidos funcionando perfeitamente bem.
Motivação	O fato de querer aprender garante maior sucesso na aquisição de conhecimentos, habilidades ou técnicas. O interesse, portanto, é a mola propulsora da aprendizagem.
Prévio Domínio	Domínio de certos conhecimentos, habilidades e experiências anteriores são pré-requisitos para a aprendizagem. Um exemplo é o “currículo oculto”, conhecimentos que as crianças já trazem de casa.

⁵ Utilizamos o termo “dificuldade no processo de aprendizagem” e não “dificuldade de aprendizagem”, por acreditarmos que todos são capazes de aprender, e que cabe ao professor/educador, encontrar os caminhos e técnicas adequadas, fugindo de estigmatizar o aluno como incapaz de compreensão de determinados conteúdos ou habilidades.

Condição	Descrição
Maturação	Chama-se maturação o processo de diferenciações estruturais e funcionais do organismo, levando a padrões específicos de comportamento.
Inteligência	O indivíduo deve ter capacidade de assimilar e compreender as informações que recebe; de estabelecer relações entre as várias informações e criar/inventar coisas novas.
Concentração ou Atenção	Capacidade de fixar-se em um assunto.
Memória	Capacidade de armazenar as informações.

FONTE: Drouet (1997)

Uma vez situado o tema da aprendizagem, parte-se agora para a definir o âmbito de sua perturbação, isto é, a patologia da aprendizagem.

Podemos considerar o problema da aprendizagem como um sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa em uma constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação (PAIN, 1985, p. 27-28).

Para a autora citada são quatro os fatores que influenciam no processo de aprendizagem, a saber: orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais. Em relação aos fatores orgânicos, tem-se que “toda a aprendizagem está nos esquemas de ação desdobrados mediante o corpo” (Ibidem, p. 28). É necessário investigar, antes de tudo, a saúde do aprendiz, principalmente o funcionamento do sistema nervoso, visando realizar uma investigação neurológica, percebendo se o sistema encontra-se sadio no âmbito de seu comportamento, ritmo, plasticidade e equilíbrio. Outro aspecto ainda orgânico, diz respeito ao funcionamento glandular, pois muitos estados de hipomnésia, falta de concentração, sonolência, entre outros, pode estar relacionado a deficiências glandulares.

Em relação aos fatores específicos, a autora sinaliza que há alguns tipos de transtornos relacionados à adequação perceptivo-motora, que influenciam diretamente, por exemplo na aprendizagem da linguagem, sua articulação e sua lecto-escrita, manifestando-se em uma série de perturbações “tais como a alteração da sequência percebida, a impossibilidade de construir imagens claras de fonemas, sílabas e palavras, inaptidão gráfica, etc” (Ibidem, p. 29). Dentro dessa categoria, pode-se encaixar os transtornos como dislexia, discalculia, disortografia, entre outros.

Em relação aos fatores psicógenos, citando Freud (1925), a autora coloca que é importante diferenciar duas possibilidades para o fato de não aprender:

[...] na primeira, este constitui um sintoma e, portanto, supõe a prévia repressão de um acontecimento que a operação de aprender de alguma maneira significa; na segunda, trata-se de uma retração intelectual do ego (eu) (PAIN, 1985, p. 31).

Por fim, em relação aos fatores ambientais, considera-se a rede de interrelações familiares, ou seja, o meio ambiente material ao qual pertence o sujeito; o aspecto social, que considera características como moradia, acesso a lazer, cultura e esportes, acesso aos meios de comunicação, situação econômica- financeira da família, entre outros.

1.3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Criada a partir da década de 40, a educação de jovens e adultos no Brasil tem como intuito permitir que pessoas analfabetas ou fora da idade escolar adequada tenham acesso e direito à educação, além de possibilitar a equidade, diversidade e inclusão daqueles que se enquadram nesse perfil de modalidade educacional.

Considerando os altos índices de analfabetismo da época, vários órgãos foram criados para elaborar meios e planos que tornassem possível a diminuição e até escassez dessas taxas. Um dos motivos de se investir nesse tipo de modalidade de ensino foi torná-la popular, democratizando o conhecimento e a aprendizagem, uma vez que, até então, somente as elites tinham acesso à educação formal adequada e desde a infância. A elaboração de políticas públicas educacionais permitiu à população ter acesso de forma integral e social aos ambientes acadêmicos tornando-as integrantes e ativas dentro da sociedade.

Desde o ano de 2003, o MEC realiza o projeto Programa Brasil Alfabetizado, cujo principal objetivo é superar o analfabetismo e contribuir com a universalização do ensino fundamental no Brasil em jovens a partir dos 15 anos de idade. Para desenvolver tal projeto, o Ministério da Educação apoia e financia os projetos de alfabetização de jovens, adultos e idosos apresentados pelos municípios e estados brasileiros.

Um aspecto relevante a se considerar dentro da modalidade de educação de jovens e adultos é o perfil do aluno que busca por esse suporte educacional, bem como sua realidade, seus anseios, dúvidas e expectativas. Em sua maioria, trata-se de alunos com poder aquisitivo baixo; que não tem acesso à cultura; com diferentes raças, etnias, religiões; alunos que precisam trabalhar o dia todo e que dispõem de pouco tempo para se dedicar aos estudos; alunos que apresentam necessidades educacionais especiais; que residem na zona rural.

Para que o processo de ensino-aprendizagem seja efetivo e significativo é preciso entender e refletir sobre a heterogeneidade do público-alvo da EJA. Praticamente todos eles já tiveram algumas experiências no ambiente escolar, experiências essas bem-sucedidas ou não, o que faz com que esses alunos retornem para a escola carregados de vivências e possíveis traumas.

1.4 O JOGO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Sabe-se por meio de pesquisas já realizadas acerca do assunto e da própria experiência no âmbito educacional, que a utilização de metodologias ativas é uma das principais ferramentas para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem.

Partindo dessa perspectiva, acredita-se que o jogo é um dos instrumentos mais eficazes para atingir os objetivos estipulados de maneira satisfatória e positiva. No artigo *Good Video Games and Good Learning*, Gee (2012) defende a utilização de jogos como um método eficaz nesse processo, uma vez que estes não requerem testes ou provas, já que a própria progressão do aluno durante as etapas do jogo bastariam para demonstrar que o conteúdo proposto foi assimilado.

Além disso, a aprendizagem durante os jogos é contínua, e possibilita que haja maestria por parte do jogador por meio do entretenimento e prazer que o jogo pode oferecer. Winnicott (1975, p. 160) traz à tona a importância do lúdico e da brincadeira na vida dos indivíduos. Segundo ele, a realidade psíquica interna e o mundo real se encontram por meio dessas práticas, e este viver criativo é essencial para o bem-estar emocional e psicológico.

Andrea et al. (2016) ressaltam a importância de se discutir o lúdico no aprendizado, utilizando a escola *A Quest to Learn*, que propõe uma aliança entre Design e Educação, como exemplo de que jogos podem ser usados na resolução de problemas complexos, proporcionando um feedback imediato ao aluno e aos professores sobre o seu aprendizado. Um aluno que tenha dificuldade em realizar certas operações matemáticas, por exemplo, poderia aprender de outra maneira, de modo mais visual e descontraído, como o ensino de frações utilizando fatias de pizza.

Desse modo, através da aplicação do jogo, o aluno terá a oportunidade de se desenvolver em vários aspectos além do curricular.

A junção entre design, educação e o lúdico permite ao aluno vivenciar a experiência da aprendizagem de forma mais visual, prazerosa, atrativa, divertida e, principalmente, significativa.

Toda a etapa da aprendizagem nesse contexto fará parte de um processo contínuo, a partir da ideia de que o jogo terá níveis, aos quais o grau de complexidade aumentará gradativamente de acordo com os conteúdos trabalhados. Além de estimular a criatividade, memorização, concentração, raciocínio lógico, senso de competição saudável e a socialização entre os envolvidos.

2 METODOLOGIA

Para busca e compreensão do problema estabelecido, esta pesquisa exploratória tem como caráter ser qualitativa em forma de pesquisa ação. Utilizou como procedimentos de coleta de dados os instrumentos: questionários e entrevistas que serão analisados por meio da Análise de Discurso (ADD), para posterior elaboração de um jogo educativo no âmbito da alfabetização e letramento.

A pesquisa qualitativa ocupa, atualmente, reconhecido lugar entre as diversas possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diferentes ambientes. Para tanto

[...] o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Além de qualitativa, esta pesquisa possui também o caráter de pesquisa- ação. Esta, possibilita ao pesquisador que ele intervenha dentro de uma problemática social, buscando analisá-la e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar possíveis participantes, visando a construção de saberes. Ela possui uma certa base empírica (concebida e realizada) por meio de uma relação muito próxima com uma ação ou resolução de um problema coletivo (PIMENTA; FRANCO, 2008). Segundo as autoras, a pesquisa ação deve proporcionar uma estrutura de pesquisa pedagógica que tem como principal objetivo possibilitar, e estimular, a expressão individual no processo de tomada de decisão, sendo portanto altamente democrática e com caráter participativo. Escolheu-se esta abordagem pois, acredita-se que a construção de soluções coletivas, para problemas complexos, seja um caminho importante, tecendo uma rede colaborativa junto a professoras e professores entrevistados para elaboração do jogo em questão, visando potencializar o desenvolvimento e aprendizagem de jovens e adultos.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com vistas a dar a aplicação prática ao referencial teórico levantado, a partir deste ponto do artigo, faz-se um paralelo entre as entrevistas realizadas e questionários coletados. A primeira parte da análise consiste no levantamento de informações sobre carreira, tempo de docência, formação e especialização em educação especial e inclusiva das professoras questionadas. A segunda parte, conta com um recorte da entrevista, na qual utilizou-se de duas perguntas-chave que subsidiarão a criação do protótipo de jogo a ser utilizado e a serem analisadas por meio da Análise do Discurso (ADD).

Em relação a formação das entrevistadas, têm-se que 50% têm especialização (*lato sensu*) e a outra metade tem especialização (*stricto sensu*, mestrado). Ainda sobre suas formações, encontrou-se que metade realizou algum curso específico para atuação na EJA, enquanto que 75% possuem algum tipo de especialização no âmbito da Educação Especial e Inclusiva.

Sobre o tempo de atuação profissional na educação, 75% das entrevistadas possuem mais de 20 anos de experiência no âmbito da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Médio), sendo deste tempo de docência de 1 a 5 anos específicos de atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Considerando o recorte necessário para elaboração do jogo, destacam-se duas perguntas norteadoras para a construção do mesmo: a definição de dificuldade no processo de aprendizagem e as estratégias utilizadas pelas docentes para efetiva inclusão de seus alunos em sala de aula.

Questionadas sobre o conceito de dificuldades no processo de aprendizagem, percebeu-se uma certa inconstância de respostas em 50% das entrevistas realizadas. Apesar do tempo de experiência docente, notou-se certa dificuldade quando se trata de conceituar esta questão, o que levantou algumas hipóteses sobre a real capacidade de inclusão que a escola proporciona.

Não é assim definir diretamente como é que eu defino? Pra mim dentro da área de educação especial Ele pode ter dificuldade dentro de uma área e em outra não, pode ter dificuldade de escrever, mas oralmente ele entende bem, são várias, eu não consigo definir dificuldade de aprendizagem. (Professora E).

Como visto anteriormente, segundo Drouet (1997), a aprendizagem é um processo contínuo, individual, cumulativo e integrativo. Para a autora, a aprendizagem é um processo gradual, ou seja, aprende-se pouco a pouco durante toda a vida. Por isto, ter a capacidade de discernir o conceito é fundamental para atuação mais eficaz com práticas pedagógicas efetivas para inclusão do aluno com algum tipo de dificuldade ou transtorno de aprendizagem.

Corroborando ainda com o pensamento da autora, no entanto, tem-se a fala da Professora D, que percebe a necessidade de definir o conceito, e olhar para o aluno em sua integridade, antes mesmos de estigmatizá-lo de alguma forma, gerando mais segregação, do que inclusão no espaço escolar.

Sempre que eu penso em dificuldade de aprendizagem, eu penso nos dois lados. Penso na dificuldade propriamente do aluno e penso também na prática do professor, porque elas estão diretamente ligadas. Eu não posso simplesmente dizer que o aluno tem dificuldade de aprendizagem, tenho que estudar um pouco isso, a vida desse aluno.

Ainda reiterando os autores utilizados na fundamentação teórica deste artigo, Professora D, demonstra a importância de se conhecer os aspectos que influenciam na aprendizagem, sejam eles orgânicos, específicos, psicógenos ou ambientais. Segundo Pain (1985) é necessário investigar, antes de tudo, a saúde do aprendiz, principalmente o funcionamento do sistema nervoso, visando realizar uma investigação neurológica, percebendo se o sistema encontra-se sadio no âmbito de seu comportamento, ritmo, plasticidade e equilíbrio.

Se ele for um aluno que tem alguma patologia e isso cause algum déficit cognitivo, tudo bem, eu vou dizer que ele tem um déficit cognitivo, tem uma dificuldade de aprendizagem e tal. Mas normalmente ele não tem uma dificuldade de aprendizagem, quando ele não tem essas características que eu citei, ele tá desestimulado, ele tá envolvido com grupos ou tem uma prática do professor que está desinteressante pra ele e o professor não pensa nesse indivíduo com essa possibilidade. Geralmente o professor pensa que o aluno tem dificuldade de aprendizagem e ponto!

Este olhar atento para o sujeito, também aparece quando se traz à tona a entrevista realizada junto a Professora Z.

E às vezes essa dificuldade não está relacionada com uma coisa transitória, às vezes a literatura da área dá outro nome e coloca como transtorno de aprendizagem, daí é algo que não é relacionado a algo circunstancial, pode estar relacionado às vezes a uma dificuldade no potencial dessa criança, aí ela tem uma dificuldade de aprender, às vezes é um ritmo mais lento, às vezes ela precisa de mais experiências, de uma atenção mais efetiva, é que às vezes mesmo assim a dificuldade pode ser abrangente e conforme nós vamos investigando ele pode ter e essas diferentes.

No que concerne à perspectiva das estratégias e metodologias abordadas, percebe-se que a instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada tem uma preocupação em auxiliar os alunos que apresentam um quadro característico de dificuldades no processo de aprendizagem. A referida escola dispõe de um espaço próprio para desenvolver esse trabalho, que é a “Sala de Recursos”.

Nesse ambiente, atuam algumas das professoras que se disponibilizaram a participar desse estudo e com isso, abordou-se alguns aspectos dessas metodologias, sua aplicabilidade e os recursos dos quais todos os envolvidos, alunos, professores e equipe pedagógica dispõem para o desenvolvimento do trabalho. Como afirma, em sua fala, a professora D:

Nós temos aqui duas professoras da sala de recursos, no período da manhã. Uma que lida com questões de maior déficit intelectual e outra que lida com as demais deficiências. E aí, assim, elas têm um dia ou dois, onde a professora do aluno vem até a sala de recursos e diz com qual disciplina seria melhor para começar a trabalhar com aquele aluno, pra ele se integrar com os outros, pra ele socializar. Depende muito do

aluno e de que necessidade ele tem. Pa às vezes, o aluno não vai desenvolver muita coisa em termos de aprendizagem, mas ele vai ganhar em socialização e interação e isso já é um grande avanço. Tudo depende do que a gente tem como objetivo pra esse aluno. Mas geralmente, um dia da semana, eles não ficam na sala de aula normal, eles ficam na sala de recursos e tem uma aula de reforço e as professoras usam outras metodologias, outras didáticas para facilitar essa aprendizagem deles. Quando o aluno tem uma dificuldade maior, ele tem um professor que fica só com ele dentro da sala de aula. Sempre vai ter um professor pra ficar junto com ele. Ai a professora vai explicando e esse outro professor vai ajudando o aluno, na aprendizagem dele.

O primeiro aspecto a ser considerado é em relação aos recursos físicos e didáticos/ materiais. Nota-se na fala das entrevistadas, uma frequente frustração com relação à falta desses dois itens, uma vez que se trata de um colégio público, voltado ao estudante juvenil e adulto e que, por motivos burocráticos, mudou de localização três vezes, em um período de três anos, conforme relata a professora E.

Olha a gente tem alguns recursos disponíveis, mas no momento a gente não tem um que é importante, que é a internet. Não temos este recurso. Muitas das coisas a gente prepara em casa. A gente tem que produzir jogos, no momento estamos numa situação difícil aqui na escola.

E, respectivamente, as professoras D, Z e L:

Nós tínhamos no prédio antigo, um espaço melhor, tínhamos duas salas grandes preparadas para os alunos de educação especial. Aqui a gente perdeu muito em espaço. Em relação aos recursos físicos, nós estamos em uma situação bem limitada, onde estamos dividindo o espaço com outra turma, por conta do contexto em que estamos vivendo. Quando você trabalha com alunos surdos você precisa de muitos recursos como a internet. Hoje tem muitas coisas que a gente pode usar. Eu usei a internet, mas usei da minha, do meu celular. A gente precisava de mais recursos visuais, no caso, um xerox, que já é difícil. O que eu fiz de xerox colorido, acabei fazendo fora e eu mesma que fiz. Nós fomos tentando montar algumas pastas de apoio ao longo do tempo para auxiliar nas aulas.

Outro aspecto relevante para a pesquisa, é sobre o olhar das entrevistadas quanto à relação entre a aprendizagem e a sua aplicabilidade efetiva na vida dos alunos com um quadro de dificuldade de aprendizagem.

Diante da mudança de paradigma apresentado por meio dos estudos de Ferreiro (1999), observa-se que as metodologias utilizadas nas práticas educativas, independente da faixa etária ou série/ano no qual o aluno esteja, precisam se relacionar às práticas sócio-culturais, envolvendo a língua escrita e falada como formas de comunicação, permitindo a esse estudante se tornar um leitor e escritor autônomo dentro desse contexto.

Percebe-se pela fala da professora L que existe essa preocupação, principalmente na abordagem realizada com os alunos surdo/mudos, uma vez que a língua portuguesa é, para eles, a segunda língua, sendo a linguagem de sinais, a primeira.

Olha, quanto maior o conhecimento sobre a língua de sinais, melhor será a aquisição da segunda língua. Isso a gente percebe bastante. O aprendizado da língua portuguesa tem muito a ver com o uso da língua. Então a gente percebe assim, quanto mais o aluno faz uso da língua de uma forma social, ele tem mais facilidade. Então, muitas vezes, assim, esse aprendizado não vem da escola. Ele acontece com o uso da língua em diferentes situações. Por exemplo, um aluno que frequenta a igreja, à medida que ele vai tendo interesse em ler assuntos que se referem a igreja, ele evolui mais na língua portuguesa. Alunos que fazem uso do celular, no próprio uso ele vai melhorando, o contato que ele tem com ouvintes também no uso da língua também. Então ele vai aprendendo isso de uma forma social.

A Alfabetização e o letramento com um aluno ouvinte se dá pela consciência fonológica, mesmo que você trabalhe o letramento, você vai trabalhando as unidades menores. Com os surdos, se você só contar com isso, o aprendizado não vai acontecer pela falta da audição.

No entanto, sabe-se que uma das formas mais eficazes de tornar possível essa situação, é a utilização de metodologias ativas nos espaços educacionais, que façam desse processo uma aprendizagem atrativa e interessante ao aluno.

No depoimento a seguir, conclui-se, com muita clareza que, no que tange a aplicação desse tipo de metodologia, este não é o cenário apresentado pela referida instituição. E que, justificado pela falta de recursos físicos e materiais, pode-se entender o motivo da utilização das metodologias totalmente tradicionais.

A gente procura trabalhar o desenvolvimento, do raciocínio lógico, percepção, concentração, mas infelizmente estamos num espaço que não nos dá muita condição quanto a isso. Em outra escola a gente tinha condições de oferecer atividades diferenciadas, para trabalhar questões que estão em menos evidência naquele momento. A gente busca mais o desenvolvimento geral do aluno, aqui infelizmente é o que estamos focando neste momento...Por exemplo, na matemática, eu sou professora que tenho formação em artes e psicologia, mas a matemática é uma coisa que pega. Eu fiz pesquisa em vários livros, e trabalhei e montei uma apostila pra eles com os conceitos básicos da matemática e aí trabalhamos junto com a professora de matemática (fala apresentada pela professora E).

De acordo com Villarini (1998), para que a aprendizagem ocorra de forma ativa, ela precisa acontecer de uma maneira significativa para o aluno. Este precisa se sentir motivado a aprender e focar sua atenção no tema em questão. Esse processo exige uma colaboração mútua entre todos os envolvidos, permitindo ao aprendiz dar forma à sua autonomia, tornando-se agente ativo e reflexivo sobre o seu próprio aprendizado. Ou

seja, proporcionar ao aluno um ambiente metodologicamente ativo busca, antes de qualquer outro objetivo, associar sua aprendizagem à sua realidade. É permitir que o discente desenvolva as habilidades que já possui e descubra outras novas, sejam elas cognitivas, motoras, psicológicas, emocionais, entre outras, dentro de uma perspectiva na qual ele entenda que tudo ou quase tudo que está sendo abordado será útil em algum momento de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise teórica e das entrevistas coletadas, verificou-se a urgente necessidade de estudo contínuo e pesquisa na área da Educação Especial e Inclusiva. Há uma grande necessidade de que os docentes preparem-se para receber os alunos da maneira mais adequada, pensando em metodologias que proporcionem uma aprendizagem cada vez mais significativa aos alunos.

É necessário um olhar inclusivo para educação, visando cada vez mais proporcionar currículo condizente à realidade vivida, buscando, por exemplo, por meio das metodologias ativas - cita-se, por exemplo, o próprio jogo - sensibilizar os discentes, despertando neles a intensa vontade de aprender.

Relacionando estes conceitos à alfabetização e letramento na Língua Portuguesa, constata-se, ainda, uma intensa demanda em se aprofundar os estudos, buscando nas tecnologias disponíveis ferramentas para se ler o mundo de forma cada vez mais crítica.

Como continuidade a esta pesquisa pretende-se, em um próximo passo, desenvolver a partir do referencial teórico levantado, um protótipo de jogo visando contribuir com a melhor aprendizagem dos discentes da modalidade Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, U. S.; SUDÁRIO, M. R. O perfil do aluno da EJA do Ensino Médio No Centro de Educação de Jovens e Adultos Prof.^a Shirley Costa e Silva. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 8., 2016, Imperatriz. **Anais...** Imperatriz: 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA20_ID4390_27092016135715.pdf>. Acesso em: 02 maio 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP, n. 05 de 13 de dezembro de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 maio 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 22 out. 2015. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 29 out. 2015.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 29 out. 2015.
- CUNHA, A. **A educação de jovens e adultos e o movimento brasileiro de alfabetização**. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/a-educacao-jovens-adultos-movimento-brasileiro-alfabetizacao.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2019.
- CURY, C. R. J. **Caros colegas de trabalho, prezadas professoras, alunos e alunas da Educação de Jovens e de Adultos (EJA)!** 2010. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/eja/pgm5.htm>>. Acesso em: 29 out. 2015.
- DROUET, R. C. da R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.
- ANDALOUSSI, K. el. **Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia**. São Paulo: EDUFSCAR, 2004.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FONSECA, S. G. da. Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Pedagogia Online**, 2010. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrid=1234#.VjNH_NKrTMz>. Acesso em: 25 out. 2015.
- KRAMER, S. Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 42, p. 54-62, ago. 1982.
- MOTA, A. C. Projetos pedagógicos. **Mundo Jovem**, n. 373, p. 7, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/projetos-pedagogicos/projeto-projetos-e-interdisciplinaridade>>. Acesso em: 29 out. 2015.
- PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de Aprendizagem**. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- PIMENTA, S. G. e FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Loyola, 2008.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, maio/jun. 1995.
- RIBEIRO, V. M. M. (Coord.). **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental – propostas curriculares para 1º segmento**. São Paulo: Ação Educativa Brasileira/MEC, 2001.
- SCHMITZ, E. **Fundamentos da didática**. 7. ed. São Leopoldo: Unisinos, 1993.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2017.